

A LINGUAGEM HÍBRIDA NA POESIA VISUAL DE TCELLO D'BARROS

Renata da Silva de Barcellos (UNICARIOCA/CEJLL)
prof.renatabarcellos@gmail.com

Sem dúvida que a conquista de outras expressões, em vez de destruir a poesia, é afinal a sua maneira de caminhar no tempo, e é o seu contínuo e inegável poder de metamorfose que lhe confere validade e presença no mundo. (Antônio Aragão, *Poesia Experimental 1*, 1964, p. 36)

RESUMO

O presente artigo visa a analisar alguns poemas visuais de Tchello d'Barros com cunho de crítica social a partir do uso das linguagens: verbal (escrita) e não-verbal (imagens) e sua fusão semissimbólica formando um novo código: a poesia visual. A poesia vinculada a elementos imagéticos compõe uma estética híbrida própria de uma parte da produção literária contemporânea. A visualidade, como elemento semiótico constitutivo do poema, suscita aos leitores novos caminhos interpretativos. Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar os meios transitáveis e os processos pelos quais a linguagem poética se desdobra. Para isso, escolhemos a obra deste poeta, que representa de forma surpreendente e questionadora a poesia visual. Para as análises aqui realizadas, foram selecionadas dez, nos quais se indaga como o grafema engendra a imagem nos processos de significação a serem analisados.

Palavras-chave: Poesia visual. Letra. Imagem.

1. *Poesia visual*

Desde o Império Romano, passando pelo período Carolíngio, ao longo da Idade Média, até a atualidade, continuam a surgir os textos-imagens, em que a composição na página, isto é, a disposição de palavras, letras e outros signos, concorre para a formação de uma pluralidade de significados e, naturalmente, de leituras. Os primeiros registros da poesia visual “toda espécie de poesia ou texto que utilize elementos gráficos para se somar às palavras, em qualquer época da história e em qualquer lugar” (MENEZES, 1998, p. 14) datam da Grécia helenística e podem ser encontrados nas obras de Símias de Rodas (300-250 a.C.), Marco Júlio Vestino Ático (falecido no ano 65), Dosíades de Creta (nascido no final do século VII a.C.) e Teócrito (c.310-250 a.C.). Quanto ao poema figurativo O ovo, de Simias de Rodas, trata-se de um dos exemplos da

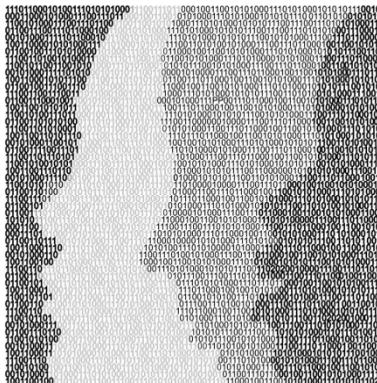
technopaegnia, técnica de compor poemas que imitem, através da diagramação de versos em metros (tamanhos) variados, a imagem do objeto neles descrita, ou só aludida. Para Sheila Maués (2009), o aspecto visual do poema é um questionamento de outrora e fundamental. Isso pelo fato de o poeta sempre ter cuidado com a organização visual dos seus textos, com o intuito de perpetuar a tradição ou para romper com ela.

Passando ao século XIX, continua-se a encontrar a reformulação da relação entre texto e imagem através de experiências que culminariam na criação, em 1897, *Lance de Dados* de Stéphane Mallarmé (1842-1898). Esta obra abre uma nova era na literatura ocidental na qual a poesia começou a emancipar-se de sua forma tradicional. Este poema abandona o arranjo linear do texto escrito e quebra todas as regras de sintaxe e tipografia.

De acordo com Ernesto Manuel Geraldês de Melo e Castro, *o poeta*

ante a solicitação da página em branco, joga e concebe o poema como se de um jogo de dados se tratasse. Dados que, no entanto, nunca esgotam as possibilidades totais do acaso, deixando-as sempre intocadas e as mesmas, após a concretização de cada resultado. E termina o poema dizendo: cada pensamento, cada ato, cada imagem descobre e propõe uma jogada. Põe em equação todas as potencialidades da vida, e apresenta um resultado livre, resultado que é válido em si próprio, mas não esgota as potencialidades nem da vida nem de quem cria o poema, de quem encontra o resultado e o propõe. Por isso cada poema é sempre um retorno ao começo. É sempre um trabalho de reinvenção do mundo. Por isso o poema nasce e vive no circunstancial, mas propõe-se e implica todos os valores da vida humana, no universo. Um poema, ou, mais genericamente, uma obra de arte, redescobre incessantemente o mundo, e simultaneamente o mundo se lhe escapa, em todas as suas virtualidades (MELO E CASTRO, 1962, p. 99)

Assim, Stéphane Mallarmé (1842-1898) traz para a Modernidade o que os gregos tinham já criado. No século XX, os poetas ressignificaram a escrita e a leitura. Na área da literatura contemporânea, a poesia visual é antecedida de todos os experimentalismos poéticos dos anos 60 e 70 e das pós-vanguardas artísticas do começo do século XX. Cabe destacar a poesia concreta e seus poemas *verbivocovisuais* que, em contraste com a tradição da poesia-padrão, não se restringe à criação de poemas na forma de um objeto, utiliza-se de forma experimental do espaço tipográfico. Exemplo, o poema visual EUA USA BR?



Neste poema, percebe-se que o poeta utilizou a sintaxe visual na qual cria imagens de rosto de perfil associados à grafia: ao sistema binário. Este consiste em um sistema de codificação onde todos os valores são representados por 0 e 1. Além disso, para definir as formas, usa variações da cor cinza. Assim, gerando uma expressão poética complexa em *Afetos Binários* cujo título remete a sentimento (direcionado aos números, ao dinheiro) que se apresenta de forma antagônica: “0” significa uma posição sem valor (desligado) e “1” significa uma posição com valor (ligado). Segundo Ronaldo Werneck, Tchello d’Barros utiliza-se de mecanismos semióticos e manipula “com grande maestria seus signos – ele atua com rara inventividade”.

(<http://www.ronaldowerneck.com.br/tchello.html>)

No *Roteiro de Leitura: Poesia Concreta e Visual*, Philadelpho Menezes refere-se a esta como sendo a “que faz parte do nosso cotidiano e da nossa sensibilidade. E uma poesia que migrou para outros espaços, ganhou asas e voou para fora do modelo tradicional que conhecemos: o texto escrito em verso” (1998, p. 7). Além disso, ele acrescenta que “por poesia visual pode-se entender toda espécie de poesia ou texto que utilize elementos gráficos para se somar as palavras, em qualquer época da história e em qualquer lugar” (*idem*, p. 14). Não se trata assim de um movimento literário, com contexto histórico definido e delimitado, mas uma poética, nomeada com o termo definidor de um recurso de construção do poema. Vale ressaltar que se estabelece de fato, no início da segunda metade do século XX, com a produção de diversos poetas como Wladimir Dias Pino, Hugo Pontes e Ronaldo Werneck e, posteriormente, com o poeta escolhido para este estudo: Tchello d’Barros.

A seguir, faremos uma breve apresentação do poeta visual Tchello

d'Barros.

2. *Tchello d'Barros*

Antes da metade do século XX, mais especificamente antes da revolução tecnológica, viveu-se a era da *modernidade sólida*, período no qual se planejam e se criam metas a longo prazo. Já, no mundo contemporâneo, com tantas mazelas sociais (crise no sistema educacional e de saúde, por exemplo), a efemeridade do tempo, as relações fugazes. É preciso ser rápido, planejar a curto prazo, o que torna tudo inseguro e passível de mudança do descartável e tecnológico. Dado a um ritmo incessante, o homem vive imerso em angústias e incertezas. O que nos remete ao conceito de “sociedade líquida” (BAUMAN, 2001), pautada pelo individualismo e pelo consumo exacerbado, resultado de transformações sociais e econômicas, trazidas pelo capitalismo globalizado. É nesse cenário que surge a poesia visual de Tchello d'Barros como forma de crítica social. Por meio dela, o poeta expressa seus descontentamentos.

Nascido em Brunópolis (SC) em 1967, andarilho na essência: já morou em 15 cidades brasileiras. Realizou atividades culturais em todos os Estados do Brasil, deambulou por 20 países e, atualmente, está radicado no Rio de Janeiro desde 2013. Tchello d'Barros tem como característica ser um artista *multifacetado*, de acordo com poeta Vivaldo Lima Trindade. Isso porque ele transita no universo das artes por meio de várias linguagens: poesia, fotografia, desenho. Segundo ele, “apesar de rotulado eventualmente pelo vocábulo genérico de ‘multimídia’, vejo tudo apenas como literatura e artes visuais, só que diluídas em algumas modalidades, e para cada uma delas houve um estudo teórico e um preparo técnico”.

Em sua fortuna crítica, o poeta é definido de diversas formas como: “Tchello-multi-tudo: poeta, *designer*, desenhista, artista plástico, poeta visual, fotógrafo, artista digital, haicaísta, cordelista, cronista, promotor cultural, palestrante, viajante e profundo conhecedor da história das artes” (AL-Chaer – *Poeta* – Goiânia – 2009); “Tchello d'Barros vai além e insere-se na produção contemporânea brasileira sem se repetir, ou mesmo se reduzir, mas com uma tendência de se expandir sempre e cada vez mais.” (André Leite Ferreira); “Tchello d'Barros é um observador mordaz e implacável da realidade que o rodeia, e devolve a essa realidade as idiosincrasias próprias da mesma” (Fernando Aguiar).

Não só um artista em constante movimento – viajante de olhar raro e atento, sempre em constantes deambulações por vários países e Brasil afora –, mas um dos poetas que melhor congrega, embasado nas possibilidades de produção/divulgação das novas ferramentas digitais, os próprios e agora redi-vivos movimentos do Poema Visual e do Poema Postal. Tchello d’Barros é um mundo, um mundo (em si) mesmo – um mundo de muito trabalho e engenho e invenção. Um mundo efêmero, é certo, mas que traz em si qualquer coisa de perene, quem sabe de eternidade (*Ronaldo Werneck*).

“Tchello d’Barros é, hoje, um dos maiores expoentes das artes visuais deste país: inteligente, criativo e poético, acima de tudo” (Tanussi Cardoso Jr.). Para nós, a partir dessas percepções, do estudo de sua obra e com a convivência dado os projetos realizados em parceria e/ou saraus literários frequentados, ele é um ser inquieto, questionador, “olhos de lince”. Esta nossa definição contempla bem o tema aqui escolhido para análise de 10 de seus poemas: a crítica social. Para alguns autores como Michael Wazer (1985) a crítica social pode ser compreendida como interpretação; se toda realidade é objeto de interpretação, a crítica social é uma nova interpretação da realidade.

Sua trajetória artística inicia-se em 1993 com o primeiro poema visual: *Preconceito*, quando vivia em Blumenau (SC). Na época, foi exposto na inauguração da Galeria do Papel. Esta e outras obras, como os *Poemínimos*, *Ideogramas Ocidentais*, *Alfabetos Criptográficos* e *Escritas Assêmicas*, podem ser conferidos no blog <www.tchellodbarros-poesiavisual.blogspot.com>. Para o poeta visual, o recurso utilizado por esta modalidade trata-se de “uma linguagem adequada para tratar de temas sempre contemporâneos (política, sexo, fé, amor, relações humanas etc.), de interesse geral de nossa sociedade. Minha produção em poesia visual tem alcançado uma maior visibilidade principalmente na Internet”.

Dessa forma, a poesia de Tchello d’Barros é exemplo vivo deste momento por explorar a capacidade poética por meio de diversos recursos. Trata-se de uma produção intersemiótica (base linguística relacionada às Artes Visuais), a fim de abordar a temática social em termos de sua consciência crítica e de seu posicionamento na sociedade. Conforme Leyla Perrone-Moisés, a criação intersemiótica é definida como “a interação de signos linguísticos variados: a palavra impressa em múltiplas representações tipográficas e espaciais, o verso ilustrado, o projeto gráfico, a fotografia e a mistura disto tudo”. (PERRONE-MOISÉS, 1989, p. 133)

Das características de Tchello d’Barros, cabe dizer que conforme Tanussi Cardoso Jr., “Nada é por acaso em sua obra. Nada sobra ou falta. Consegue ser, ao mesmo tempo, racional e emotivo, e esse equilíbrio é o

alicerce de sua obra. Lúdico, lírico e crítico audaz, mordaz, agudo”. Observa-se assim isso neste poema visual: “Para Lamentares”:



Neste poema visual, o poeta utiliza a imagem / símbolo do Congresso Nacional em Brasília. Vale destacar que se trata da sede do Poder Legislativo construída entre 1958 e 1960. Rodeado por espelhos d'água, o conjunto de edificações foi projetado por Oscar Niemeyer. O Senado está instalado na enorme cúpula convexa, com a parte esférica voltada para o céu. Já a Câmara fica na cúpula côncava, que lembra um pires. No lugar do edifício principal, Tchello d'Barros utiliza as palavras *parlamentares* e ao lado, também, na vertical outra palavra do sistema linguístico surge para expressar seu descontentamento com o cenário político atual brasileiro. Como se aquela instituição nos causasse *temor*. Segundo ele, a sociedade contemporânea está

em crise, uma crise de valores e valores sem precedentes. Viver nesses tempos de hiperinformação é diferente: multiplicaram-se os caminhos, pluralizaram-se os sentidos da vida, expandiram-se as visões de mundo. A poesia em si, as vivências poéticas, não sei se trazem as respostas, se mudam a vida, o mundo, o homem, mas permitem um caminhar, um seguir adiante mais sintonizado com nossas verdades interiores, por mais individuais que sejam”.

Outra característica a ser destacada em sua obra é o uso das cores branco e preto. A simultaneidade de imagens e de palavras, imersas no papel em branco e com a plasticidade em preto pode ser considerada uma forma poética característica na obra deste autor. Para ele, o uso somente do preto e branco é autoral, porque mais coerente – não apenas representa a realidade como também é uma interpretação dela. A essa simultaneidade alia-se o experimentalismo linguístico, recurso que permite ao autor, ora fundir vocábulos procurando um efeito diferente do usual, ora

cutá-los, obtendo, assim, outros novos vocábulos formados pela fragmentação de um primeiro. Ele explora as potencialidades do signo linguístico, buscando na relação palavra/imagem ou tudo ao mesmo tempo agora, atingir os limites possíveis de captação e subversão do signo. No mundo contemporâneo no qual há cada vez mais problemas sociais e velocidade de informação, o poeta, ao “penetrar surdamente no reino das palavras” (Drummond), possibilita o trânsito da poesia por novos espaços, com novos leitores e novos olhares.

Na próxima seção, serão analisados 10 poemas visuais de Tchello d’Barros.

3. Análise de poemas visuais

Nesta parte, analisaremos 10 poemas selecionados por nós com cunho social. Cabe destacar que esse é um dos principais temas abordados pelo poeta com espírito de engajamento social, cujas características são de ser inquieto e questionador. A partir disso, observaremos como ele utilizava as múltiplas linguagens em cada um.

O escritor é engajado

quando trata de tomar a mais lúcida e integral consciência de ter embarcado, isto é, quando faz o engajamento passar, para si e para os outros, da espontaneidade imediata ao plano refletido. O escritor é mediador por excelência, e seu engajamento é a mediação. Mas, se é verdade que se deve pedir contas à sua obra a partir da sua condição, é preciso lembrar ainda que a sua condição não é apenas a de um homem em geral, mas também, precisamente, a de um escritor. (SARTRE, 1993. p. 61-62)

A seguir, a análise de 10 poemas visuais de Tchello d’Barros:

3.1. Reforma política

No poema seguinte, Tchello d Barros criou um acróstico, forma de composição geralmente poética, que consiste em compor uma palavra vertical com as letras iniciais ou finais de cada verso gerando um nome próprio ou uma sequência significativa. Neste caso, o poeta seleciona léxicos associados à temática da política como: *prefeitura, sindicato, senado*. e, na vertical, encontra-se a opinião do poeta com o termo “corruptocracia” (fusão dos dois termos: corrupto e democracia) Ironizando assim o atual sistema político brasileiro cujo significado é: “Estado democrático de direito onde o certo é quem paga para ser considerado dessa for-

ma”. (<https://www.dicionarioinformal.com.br/corruptocracia>). Isso ainda é ratificado na opinião expressa no título “Reforma política”.

EXECUTIVO
VEREADOR
CÂMARA
IMPrensa
PREFEITURA
DEPUTADO
PRESIDENTE
GOVERNADOR
SINDICATO
PREFEITO
LEGISLATIVO
JUDICIÁRIO
ASSEMBLEIA
SENADO

3.2. Voto /Veto



Um poema visual em que Tchello d’Barros aborda a temática do cenário das eleições para demonstrar seu posicionamento quanto ao atual cenário político através de duas palavras: uma apresentada em sequência, o ato do direito do cidadão: *voto* e a outra demonstrando sua opinião *veto*. A troca de uma letra, no caso, a vogal “o” pelo “e” muda a palavra atribuindo-lhe outro teor. Além disso, vale destacar o recurso gráfico-visual no qual o poeta desenha o formato da vogal “o” a partir da repetição do “e” sobrepondo os sentidos.

3.3. Subversivo



Este poema visual une os aspectos gráfico-visual a fim de demonstrar a necessidade da transgressão, de quebrar paradigmas com relação aos fatos socio-político-econômicos atuais. O poeta dispõe dos significantes, as letras da palavra SUBVERSIVIDADES no formato do significado. No caso, a base da granada acompanhado do desenho da parte de cima do artifício. Assim, pode-se dizer que a poesia visual trata de uma rede intersemiótica da palavra verbal *subversividades* junto com a palavra imagem *granada*. Remete-nos a uma consideração do grupo Noigrandes de São Paulo: “composições não somente para serem lidas, mas também olhadas”. Segundo Xavier, a página em branco “não é mais um depósito frio de letras, mas um suporte espacial ativo, como a tela de uma pintura” (http://redesemfronteiras.com.br/noticia_ver.php?id=3918). A partir dessas considerações, pode-se dizer que os poemas de Tchello d’Barros são híbridas de linguagem que provoca uma reação estética de espanto tal qual se tem ao *olhar* uma obra de arte.

3.4. Totalitário-democrático?

O poema visual abaixo utiliza letras organizadas em um *grid* para remeter aos passatempos de caça-palavras. Tratando-se de um caligrama no qual “o desenho dá a forma externa do poema, e a força do elo que o ata ao sentido depende do talento do autor: ele não provém de uma necessidade textual; o desenho preenche a função de um título; uma moldura na qual se inscreve o discurso (ZUMTHOR, 1993, p. 71), a partir da decomposição do termo *totalitarismo* cujo significado é ”um sistema po-

lítico no qual o Estado, normalmente sob o controle de uma única pessoa, político, facção ou classe social, não reconhece limites à sua autoridade e se esforça para regulamentar todos os aspectos da vida pública e privada, sempre que possível” (onde_ç). Cabe ressaltar que, pela escolha lexical, constata-se o pensamento do poeta com relação ao sistema político atual.

T O T A L I T Á R I O
O T O T A L I T Á R I
C O T O T A L I T Á R
I C O T O T A L I T Á
T I C O T O T A L I T
Á T I C O T O T A L I
R Á T I C O T O T A L
C R Á T I C O T O T A
O C R Á T I C O T O T
M O C R Á T I C O T O
E M O C R Á T I C O T
D E M O C R Á T I C O

3.5. Justi\$\$a



Por meio dos recursos gráfico-visuais, o poeta expressa seu anseio por *justiça* no qual apresenta a forma (imagem) da balança símbolo do próprio conteúdo, tema do poema visual. Vale ressaltar que o título trata de uma crítica social feita por meio do uso do significante cifrão (\$) cuja definição é “sinal gráfico representado por um S cortado por um ou dois traços verticais (\$) e que indica as unidades monetárias de diversos países” (<https://www.dicio.com.br/cifrao>). De acordo com Fernando Aguiar,

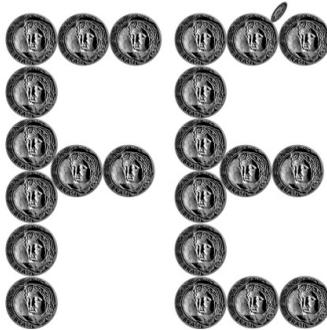
Tchello d'Barros é “um observador mordaz e implacável da realidade que o rodeia, e devolve a essa realidade as idiossincrasias próprias da mesma, filtradas pela capacidade de interpretar poeticamente o referido contexto”.

3.6. Capetali\$mo\$



Nesse poema visual, no título, o poeta já utiliza a palavra “capitalismo” mesclada com recurso gráfico: no lugar da letra “s”, utilizou o cifrão: Recorre ao recurso gráfico para expressar sua crítica social quanto ao consumismo exacerbado cada vez mais da sociedade contemporânea. Tchello d'Barros utiliza símbolos como cifrão (\$), a marca de uma rede de *fast-food* mais popular do mundo (M), a estrela de cinco pontas (também conhecida como Pentagrama), representa tanto os cinco continentes habitados, como os cinco componentes da sociedade comunista (os camponeses, os operários, o exército, os intelectuais e a juventude), entre outros. Conforme, Joaquim Branco, na maioria dos poemas de Tchello d'Barros, nota-se o uso de letras e outros signos isolados para compor uma grafia própria como no emblemático *Causa e Consequência* em que essa mesma palavra (Capitalismo) se posta como um pesado bloco sobre outra, em cinza, o *proletariado* em que se põe o homem comum em fuga... a obra de Tchello d'Barros se nos apresenta como um conjunto que adiciona quase sempre a leveza na sua concretização, mas que não esconde o lado ímpar da direção poética: a crítica, o humor e o sentido universal dos temas encontrados em seus poemas.

3.7. Fé de +



Neste poema, observa-se o uso criativo da linguagem não-verbal (de moedas brasileiras de 1 real) organizadas espacialmente formando as letras “f” e “e” e um sinal gráfico simbolizando o acento agudo sobre a vogal, uma vez que se trata de uma palavra monossílaba tônica. A composição da imagem com o título cujo nome é ambíguo *FÉ DE +* remetem-nos a uma crítica ao sistema capitalista. Ao excessivo valor que as pessoas dão ao dinheiro. A palavra *fé* realça esta concepção pelo seu significado: “Crença; convicção intensa e persistente em algo abstrato que, para a pessoa que acredita, se torna verdade”.

(<https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=F%C9>)

Assim, ao lermos só o título, pensa-se em crença religiosa. Mas, quando se vê a imagem, imediatamente, constata-se a crítica social.

3.8. Obnubilados sufrágios



Este poema visual é um dos mais críticos do poeta desde o título *OBNUBILADOS SUFRÁGIOS* que, de imediato, causa estranheza. O primeiro termo já apresenta este teor: *obnubilados* significa: “Ofuscado; que se escureceu; que se tornou obscuro, como se visto por entre nuvens: visão obnubilada. Acometido por...”

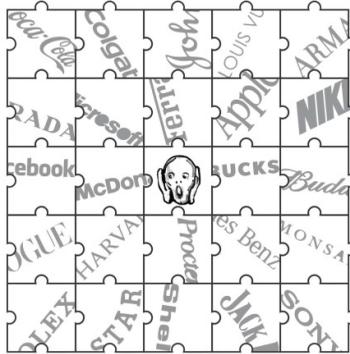
(<https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=OBNUBILADOS>). E o segundo sufrágio” cujo sentido é: “Processo de escolha através do qual os indivíduos selecionados terão o direito ao voto; processo de seleção feito através de...” (ondeç;) também. Ao se ler a imagem e correlacioná-la com o nome atribuído, entende-se a crítica social. Percebe-se a imagem da bandeira brasileira em preto e branco (marca de sua produção) e no lugar da escrita *ordem e progresso*, o poeta substituiu a frase de Augusto Conte (na verdade, nos textos do autor, a frase correta seria Amor, Ordem e Progresso) pelo título *Obnubilados Sufrágios*. Cabe ressaltar também a arroba no lugar das estrelas ser uma referência ao voto, que se tornou digital, virtual, possivelmente fraudado, provavelmente manipulado, em tempos de pós-verdade e *fake news* etc.

3.9. Democracia

No poema abaixo, o poeta utiliza a forma das palavras-cruzadas na qual uma das colunas verticais não apresenta letra. O espaço está vazio para que o leitor seja coautor da obra e verifique que o termo é *democracia*, o título atribuído. Esse está com cada letra relacionado a uma questão da atual conjuntura: corrupção, conchavo e propina, por exemplo. Além disso, os borrões em volta sugerem marcas de tiro. Como se o autor almejasse exterminar essas mazelas que assolam o atual cenário.

IMPUNI ADE • •
• D SVIO
• • DE AGOGIA
• C NLUIB
• • NEGO IATA
COR UPÇÃO •
CONCH VO •
• ES ANDALO
NEPOT SMO
PROPIN • •

3.10. Consumai ou Excluir-se-vos-á



Este poema visual tem como temática um dos piores problemas sociais: o consumismo exagerado. Em forma de quebra-cabeça, o poeta menciona várias marcas de produtos diversos como: Rolex, de relógio; Sony, de TV; All Star e Nike, de tênis; Apple, de telefone... O título "*Consumai ou excluir-se-vos-á*", sugere que a pessoa tem duas opções: consumir ou ser excluído, voltando assim a outra característica que tangencia também sua obra: a dialética. Para All Chaer, na obra do poeta "há uma coerência em que clareza e simplicidade são cúmplices. E uma objetividade que nos faz concluir que, se Tchello d'Barros sente com o *olhar*, ele *pensa* com um trabalho rigorosamente planejado e cuidadosamente estabelecido em um cronograma sem fim. Seu *olhar* não para de trabalhar" (onde – identificar a fonte). Outra questão a ser ressaltada é ao formato da imagem ao centro remetendo à pintura *O Grito* de Edvard Munch, de 1893. Dentro desse contexto, pode-se dizer que o poema simboliza a perplexidade do poeta diante de uma sociedade extremamente consumista.

Pode-se constatar assim a partir dos 10 poemas analisados o quão questionador e inventivo é o poeta visual Tchello d'Barros. De acordo com ele,

é instigante estarmos aqui nesse momento histórico testemunhando e em certa medida protagonizando esse novo tempo, onde a literatura parece não ter limites. Este é um tempo para seguirmos em frente, descortinando os limites da linguagem, encontrando novos sentidos e vivências para o fenômeno poético.

Através da forma como se apropria dos significados e significantes, percebe-se o seu posicionamento quanto às questões relativas ao uni-

verso social conforme foram analisadas aqui nesta seção.

4. Considerações finais

A partir da análise de 10 poemas visuais selecionados de Tchello d'Barros, inferimos que o poeta apresenta contribuições relevantes para o estudo da literatura contemporânea, por sua obra apresentar uma constante experimentação de novas formas com o signo linguístico e com a construção de uma linguagem poética singular. Isso devido aos suportes, os deslocamentos intertextuais efetuados que permitem ao poeta oferecer diferentes perspectivas (verbal/visual/sonora) para seus poemas, explorando, camada por camada, as possibilidades de produção de sentido que um texto pode oferecer.

Por meio da poesia visual, expressa as inquietações do poeta que transita pelo universo da palavra e da imagem com muita propriedade. Como o poeta diz, nas mais de duas décadas de atuação, sua obra é resultado de: “entrega, disciplina e um amor pelo que se faz que transcende qualquer explicação racional”. Dessa forma, ele mergulha na profundidade do signo e dele elabora suas criações surpreendentes. De acordo com ele, “talvez esse trânsito entre a grafia e a visualidade sejam dois igarapés diferentes, mas com certeza, afluem para o mesmo rio... sigo remando apenas”. E, nesse percurso, sempre segue em frente. Ele vai “além e insere-se na produção contemporânea brasileira sem se repetir, ou mesmo se reduzir, mas com uma tendência de se expandir sempre e cada vez mais” (como bem disse André Leite Ferreira).

O poeta visual aborda questões sociais atuais como democracia, justiça e capitalismo utilizando-se dos múltiplos recursos no espaço em branco. A partir dos elementos da comunicação: emissor, receptor, meio e mensagem, pode-se perceber a urgência de uma certa provocação, de forma poetizada. Para Tchello d'Barros, enquanto poeta, ele se vê como

um soldado, que apenas segue em frente apesar das condições do campo de batalha. Essa analogia metafórica é um pouco a condição de cada artista em nosso país, onde o mercado da arte, as políticas públicas da cultura, os meios de comunicação, os interesses acadêmicos e todos os componentes que formam o sistema da cultura são ora um campo desértico, ora um campo minado, onde é necessária muita determinação para seguir em frente e encontrar aqui e ali algum oásis, alguma aurora redentora. E nesse fogo cruzado, não importam as intempéries, é preciso seguir em frente...

<http://www.poemasflordapele.com.br/2013/10/carlos-correia-santos-entrevista.html#XDSF-FVKjIU>

A partir da análise dos poemas visuais aqui escolhidos de cunho social para demonstrar suas inquietações quanto aos fatos sociais e seu pensamento em relação aos temas abordados, cabe não só destacar o uso da linguagem híbrida como também ressaltar a reflexão que esta poética proporciona a nós, leitores e/ou pesquisadores. Por ter como características ser questionador e inquieto, pode-se dizer que segundo Al Chaer,

da maneira rara como *Tchello* as vê, as palavras se tornam mais jovens. *Da forma surpreendente, criativa e talentosa como Tchello nos mostra, as palavras nos rejuvenescem.* Assim também o é com os traços, com as formas e com as imagens.

Para o poeta fica o desafio de criar formas para novos recursos. E tudo isso criada e apreciada pelo *enlevo, estesia e alumbramento* que proporciona ao autor/leitor. Isso ocorre, como vimos nos poemas dados como exemplo, por meio da escrita e da imagem. Esses dois tipos de linguagem verbal e não-verbal estão a serviço da expressão das suas inquietações, para o contentamento do leitor para quem é sempre destinada, como se vê na *extemporânea* como ele prefere intitular. Isso porque, a contemporaneidade é “uma bússola com N direções e nenhuma unanimidade – permite pouco ou nenhum espaço para as experiências que primam pela sensibilidade, pelo sublime, pela contemplação, sobretudo na arte” (fonte:), palavras do poeta visual.

Por fim, Tchello d’Barros é “um mundo (em si) mesmo – um mundo de muito trabalho e engenho e invenção” (segundo Ronaldo Werneck). Por sua acentuada inteligência, destaca-se no cenário artístico brasileiro de forma singular, desenvolvendo uma escritura poética capaz de conciliar suas experiências com as outras expressões artísticas, como a poesia visual, com artes plásticas, com a fotografia, com a videopoesia, dentre outros. Esse trânsito, diferenciado pelas diversas linguagens, característico da sua poesia por ser direta, explícita, configura-se como um espaço capaz de oferecer diferentes leituras a respeito da realidade sócio-política, tornando-se um campo de observação privilegiado sobre diversas questões como: corrupção, capitalismo, desvio de verba. Além disso, percebe-se na obra desse poeta, a criação de expressões linguísticas (fusão de palavras, deslocamentos lexicais, quebra de palavras etc.) que surgem do experimentalismo com a linguagem. Responsáveis assim por desencadear efeitos de sentido diversos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, António. In: *Poesia Experimental*, n. 1 do ebook *Poesia Experimental Portuguesa - Cadernos e Catálogos*, organizados por Ana Hatherly e Ernesto Manuel Geraldês de Melo e Castro (Orgs.). Lisboa: 1964.

BACELAR, Jorge. *Poesia visual. Biblioteca on-line de ciências da comunicação*. Portugal, 2001.

BARCELLOS, Renata da Silva de. Entrevista com Tchello d'Barros. Disponível em:

<http://redesemfronteiras.com.br/noticia_ver.php?id=3918>. Acesso em 31-01-2019.

BARROS, Tchello d'. *Poesia virtual – Visual Poetry*. Disponível em:

<<http://tchellodbarros-poesiavisual.blogspot.com>>. Acesso em 31-01-2019.

FERNANDES, José. *O poema visual: leitura do imaginário esotérico (da antiguidade ao século XX)*. Petrópolis: Vozes, 1996.

HATHERLY, Ana; MELO E CASTRO, Ernesto Manuel Geraldês de. (Eds.). *Po-Ex – textos teóricos e documentos da poesia experimental portuguesa*. Lisboa: Moraes, 1981.

MAUÉS, Sheila. Percurso visual da poesia ou a diacronia do moderno poético. *ZUNÁI- Revista de Poesia & Debates*, 2009. Disponível em:

<<https://pt.scribd.com/document/299901589/Maues-Sheila-Percurso-Visual-Da-Poesia-Ou-a-Diacronia-Do-Moderno-Poetico-Artigo-ZUNAI-Revista-de-Poesia-Debates-2009>>. Acesso em: 31-01-2019.

MELO E CASTRO, Ernesto Manuel Geraldês de. Texto lido no stand de Guimarães Editores, no lançamento do livro *Ideogramas*, Feira do Livro de Lisboa, 1962, in: *PO-EX.*, 1962.

MENEZES, Philadelpho. *Poética e visualidade: uma trajetória da poesia brasileira contemporânea*. Campinas: Unicamp, 1991.

_____. *Roteiro de leitura: poesia concreta e visual*. São Paulo: Ática, 1998.

SANTOS, Alckmar Luiz dos. *Leituras de nós: ciberespaço e literatura*. São Paulo: Itaú Cultural, 2003. Disponível em:

<<http://www.poemasafjordapele.com.br/2013/10/carlos-correia-santos-entrevista.html#.XDSf-FVKjIU>>

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* São Paulo: Ática, 1993.

WERNECK, Renato. *Tchello, poeta-viajor: ser efêmero, ser eterno*. Disponível em: <<http://www.ronaldowerneck.com.br/tchello.html>>. Acesso em: 31-01-2019.